

Euclides da Cunha e os Excluídos

Lázaro Curvêlo Chaves

“A ciência sem a religião é manca, a religião sem a ciência é cega!” Albert Einstein

“O importante não é o que um homem diz de sua fé, mas o que essa fé faz esse homem realizar” Roger Garaudy

“Uma teoria só se concretiza num povo na medida em que é a concretização de suas necessidades” Karl Marx

A dimensão profética é uma dimensão básica da constituição humana. A filosofia hindu, por exemplo, informa que “sempre que a justiça fraqueja na Terra, Deus encarna no mundo”. No Alcorão está escrito que “Deus sempre envia profetas que falem em linguagem compreensível ao povo”.

Os sociólogos definem “cientificamente” a espera messiânica como a ânsia pela vinda de um enviado divino que, dotado de poderes extraordinários, restaurará a ordem entre aqueles que nele crêem.

Weber toma de empréstimo à teologia cristã a expressão “carisma”, literalmente “dom da graça” e informa que os líderes carismáticos são aqueles que conseguem, por demonstrar qualidades sobre-humanas (exagerada capacidade bélica, de liderança, oratória ou outra qualidade superior ao comum dos mortais), conglomerar em torno de si grupos significativos de pessoas que passam a nele crer e, dentro do grupo, a palavra do líder carismático transforma-se na mais plena expressão da verdade (magister dixit, como no medioevo...)

Entre os milhares de líderes carismáticos que conhecemos ou de que ouvimos falar podemos citar, a título de mero exemplo e guardadas as suas devidas proporções de espaço, tempo, missão e propósitos os Profetas Bíblicos, Maomé, Lênin, Mahatma Gandhi, Hitler, Stálin, Mussolini, Luís Carlos Prestes, Antônio Conselheiro, Getúlio Vargas,

Fidel Castro, Muammar Khadafi, Saddam Hussein e por aí vai. Ênfase não está fazendo aqui qualquer colocação de cunho ético ou valorativo. Trata-se da mera constatação do fato de aquelas pessoas supracitadas serem líderes carismáticos que, durante um bom tempo, conseguiram conglomerar um significativo número de adeptos e fiéis às suas prédicas (não está aqui em questão, passe a redundância, se foram líderes de seus povos para o bem ou para o mal seja qual for a aceção que se queira dar a estes termos). Para o que estamos aqui observando, a palavra messiânico como definida acima também se aplica.

José Carlos Mariátegui, sociólogo peruano, informa em **O Homem e o Mito** que a revolução científico-racionalista do ocidente deixou um grande vazio no homem, uma vez que, tanto a razão quanto a ciência não podem constituir-se em mitos, não têm o poder de mover as massas à ação. Na modernidade, pensadores como Joseph Campbell, anseiam pelo surgimento de um mito novo, de uma nova religião mesmo que, como todas as outras surgidas no mundo, possa dar conta dos aspectos mais avançados de nosso tempo, sejam eles o ético, o jurídico, o científico... A nova religião, da qual ouvimos notícias embrionárias aqui e ali, precisa ser, como o foram todas as outras em seu tempo, de ponta em todos os aspectos do conhecimento e da vivência humana, com particular ênfase à dimensão ética.

Quase desnecessário enfatizar que uma liderança carismática surge nos momentos de maior crise em uma dada comunidade.

Em todos os tempos há pessoas que surgem com pregações diferentes ou inovadoras, nem sempre encontrando eco às suas prédicas. Quando o que dizem e principalmente o que fazem está em sintonia com a situação prática da vida das pessoas, surge fulgurante o fenômeno do messianismo. Talvez estejamos vivendo um tempo assim em escala global, quem poderá dizê-lo são os pósteros, claro. Há os que surgem com pregações em nada ou quase nada sincronizadas com a vida do povo. Estes, normalmente, são tidos e havidos como tresloucados, lunáticos, coisas assim, não passando mesmo de alienados mentais.

Quando em momentos de crise em qualquer comunidade humana, surgem estas tentativas desesperadas de ver alguma ordem no caos que ameaça imperar ou já impera. No Brasil, por exemplo, quando ainda o chamavam de Pindorama, os Tupinambás, segundo nos relata Pierre Clastres em **A Sociedade Contra o Estado**, viviam uma situação de

superpopulação, carências materiais e crise de autoridade. Muitos seguiam verdadeiros “messias” - na acepção antropológica do termo - saindo do litoral em direção à Amazônia, onde haveria “uma terra sem mal”. Vale ressaltar que os Tupinambás há muito deixaram de existir. Contra eles os colonizadores, nossos ancestrais, praticaram o genocídio sem a menor contemplação.

Segundo Douglas Teixeira Monteiro em ***Um Confronto Entre Juazeiro, Canudos e o Contestado***, na segunda metade do século passado houve por um lado uma grave crise no sertão nordestino e, por outro, um estímulo do Vaticano a um reviver da fé católica, com o apoio institucional da Igreja, mesmo, vários leigos eram levados a aproximar-se mais da religião e, dentro dos rudimentos de sua capacidade de compreensão, assim como daquela gente simples a quem se dirigiam, a mensagem evangélica era retransmitida.

Neste contexto surgem pregadores os mais diversos, dentre os quais Antônio Vicente Mendes Maciel, o “Conselheiro”, “um gnóstico bronco”, “um heresiarca do século II em plena idade moderna”, “um monstro”, segundo ajuíza Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Um homem do povo que, falando na língua do povo, dizia o que o povo queria e precisava ouvir e fazia o possível para suplantar o caos em seu tempo pelo menos até onde chegava sua esfera de influência.

Conglomerando milhares de adeptos ao seu redor, tentando construir um projeto civilizatório diferente, atraiu a si a fúria, em primeiro lugar dos “coronéis” das redondezas privados da mão-de-obra barata que, evidentemente, preferia ir para o Belo Monte com toda a beleza poética e profética que a cercava a trabalhar em condições muito pouco satisfatórias. Isso, claro, quando havia serviço no sertão... Por outro lado, bastante ligado às tradições católicas, Antônio Vicente Mendes Maciel protesta e luta contra a república - não que tivesse qualquer contato ou vínculo com os Orleans e Bragança, sua pregação era sebastianista! Com efeito, o orgulhoso positivismo republicano tirou da Igreja uma série de prerrogativas, por exemplo com a criação do casamento civil e a laicização dos cemitérios... Lutando com dificuldade - e conseguindo - melhorias existenciais para sua gente, Antônio Conselheiro acaba por atrair a repressão brutal de uma república incipiente, acaba por atrair a ira fanática daqueles que o julgavam (ou assim faziam crer através de maciça propaganda) “um monarquista disposto a lutar pela restauração do império de Pedro II” quando na

verdade, o que ele queria mesmo era ver o império da “lei de Deus”, contra a “lei do Cão” da república velha.

Como várias outras tentativas de construção utópica na concretude, é brutalmente combatido - e ao lermos a Obra máxima de Euclides da Cunha verificamos que fica estarecido com a barbárie de que é capaz a tropa republicana; não menos, aliás, que o fica com o “fanatismo” dos conselheiristas...

No Brasil inúmeros foram os casos de tentativas de implantação de um projeto civilizatório diferente, todos implacavelmente massacrados pela sociedade afluenta: Palmares, Colônia Cecília, a República Comunista Cristã dos Guaranis, Canudos, o Contestado... Somente os episódios que tiveram evento em Canudos contaram com a cobertura de alguém do porte genial de Euclides da Cunha, deixando-nos o legado de ter mais amor, compreensão e tolerância para com o diferente, enfim. Cada comunidade humana tem um pouco de diferente, de crenças e convicções aí meio esquisitonas mas todos somos irmãos afinal; como galhos da mesma árvore ou ondas de um mesmo oceano...

A eleição de Luís Inácio Lula da Silva para a presidência da república do Brasil suscita-nos uma série de reflexões. Trata-se, na acepção weberiana do termo, de uma liderança de tipo “burocrático-formal” ou “legal”, pois que legitimada pelo processo eleitoral e não conduzido a seu posto por um movimento que desafie a legalidade (o que nos permitiria, tranqüilamente, dada inclusive a popularidade de que goza hoje) tratá-lo como um líder “carismático”.

Os oprimidos, no Brasil, aprenderam muito e hoje ensinam algumas lições ao mundo. Até o início do século XX ainda se pensava e praticava, à esquerda, norteados pelo mote “a violência é a parteira da história”, a tomada violenta do poder como única via possível de conduzir efetivamente os oprimidos ao poder e que, assim, deixassem de o ser. Assim foi de fato na então URSS e em Cuba. O início do século XXI faz-nos encontrar um mundo que guindou perigosamente para a direita em praticamente todos os campos tornando impraticável a violência como caminho conducente ao poder político. Em primeiro lugar pela inquestionável superioridade de poder de fogo dos defensores da chamada “ordem” tradicional, burguesa, capitalista. Em segundo lugar por questões ligadas à valorização sem precedentes históricos à questão dos “direitos humanos” no mundo. Em terceiro por outros fatores novos,

portanto não previstos nas obras tradicionais de norteamento à atuação da luta dos oprimidos desta terra;

Fatores novos, portanto não previstos nas obras tradicionais de norteamento à atuação da luta dos oprimidos desta terra explicam-nos porque o século XXI faz-nos encontrar um mundo politicamente à direita em praticamente todos os campos da vida humana tornando impraticável a violência como caminho conducente ao poder político:

- 1) A inquestionável superioridade de poder de fogo dos defensores da chamada “ordem” tradicional, burguesa, capitalista.
- 2) A questão, sem precedentes históricos, da valorização dos “direitos humanos” no mundo.
- 3) Diversificação nos interesses das classes trabalhadoras: Como bem o enfatiza Fidel Castro, não se pode mais falar numa única “Classe Trabalhadora” ou num único partido que represente os trabalhadores. Os interesses dos funcionários da elite operária das Montadoras do ABCD paulista são completamente diferentes daqueles dos cortadores de cana-de-açúcar do agreste pernambucano, por exemplo.
- 4) Criminosos comuns utilizando linguajar revolucionário. As décadas de 60 e 70, particularmente na América Latina, trouxeram regimes de exceção, as ditaduras militares que optaram por conduzir prisioneiros políticos, comunistas, a cadeias onde jaziam criminosos comuns, o que os politizou. Hoje, traficantes, ladrões e seqüestradores aqui no Brasil como na Colômbia e em outros pontos da América, utilizam um linguajar que, naquelas décadas, seria considerado muito similar ao discurso marxista. A lógica aristotélica do capital trouxe-nos esta perversão, esta perversidade: se o comunista é um criminoso comum os criminosos comuns serão comunistas... Caso similar conduziu à ascensão do nazismo na Alemanha. Um retrocesso à ditadura militar na América Latina seria difícil, quase inimaginável, dada a valorização que se dá hoje aos direitos humanos.

É fundamental ressaltar, contudo, que a luta burguesa a favor dos direitos humanos circunscreve-se a defender a não implantação ou proliferação da tortura ou de tratamentos ou penas “cruéis, desumanos e degradantes”. Infelizmente, ainda não se consideram ou se tratam como governos assassinos e desrespeitosos para com os direitos humanos aqueles que condenam povos inteiros à morte ou a uma vida miserável

(freqüentemente mesmo conducente à criminalidade) pela exploração cruel a que se vêem submetidos. O Lula faz de sua meta empírica, existencial e epistemológica o fim da fome no Brasil, o que já chamou a atenção da ONU e se ele, como eu imagino, demonstrar na prática que é possível garantir a todos os brasileiros três refeições por dia, teremos um ponto inegável de inflexão na história do mundo. Sempre lembrando, como Frei Betto faz Lula repetir: “o povo tem fome de pão e de beleza...”

A luta dos oprimidos acontece e, por vezes é vitoriosa, no mundo da política concreta, possível, mas começa bem antes, com um engajamento corajoso na direção da conquista da Utopia. Como os seguidores de Antônio Conselheiro fizeram as margens do rio Vaza-Barris se transformar em cuscuz e com que o próprio rio tivesse suas águas transformadas em leite (claro que há muito trabalho humano concreto nestes processos de transformação, mas o discurso metafórico segue imbatível!) a luta dos excluídos precisa ocorrer antes e acima de qualquer coisa no campo da Utopia, na busca da conquista do Utópico seguramente se construirá um mundo melhor.